



Baita Lelija

11 de maio de 2022
Quarta-Feira da Quarta Semana da Páscoa
“Serviço profético”

At 12,24–13,5

Naqueles dias, a palavra do Senhor crescia e se espalhava cada vez mais. Barnabé e Saulo, tendo concluído seu ministério, voltaram de Jerusalém, trazendo consigo João, chamado Marcos. Na Igreja de Antioquia, havia profetas e doutores. Eram eles: Barnabé, Simeão, chamado o Negro, Lúcio de Cirene, Manaém, que fora criado junto com Herodes, e Saulo. Um dia, enquanto celebravam a liturgia, em honra do Senhor, e jejuavam, o Espírito Santo disse: “Separai para mim Barnabé e Saulo, a fim de fazerem o trabalho para o qual eu os chamei”. Então eles jejuaram e rezaram, impuseram as mãos sobre Barnabé e Saulo, e deixaram-nos partir. Enviados pelo Espírito Santo, Barnabé e Saulo desceram a Selêucia e daí navegaram para Chipre. Quando chegaram a Salamina, começaram a anunciar a Palavra de Deus nas Sinagogas dos judeus. Eles tinham João como ajudante.

Na leitura de hoje, ouvimos que “na igreja de Antioquia havia profetas e doutores”, e até nos são ditos seus nomes.

Hoje, na Igreja Católica não estamos mais acostumados a falar de profetas. Pareceria que estas figuras pertencem apenas ao Antigo Testamento. O Catecismo nos ensina que todo batizado participa da função real, sacerdotal e profética de Cristo (*Catecismo da Igreja Católica*, nº 1268). Talvez alguns conheçam as profecias no contexto carismático, como um carisma concedido pelo Espírito Santo (cf. 1 Cor 12,10), e talvez também reflitamos sobre a missão dos leigos no mundo em sua dimensão profética. Mas não conhecemos os profetas exercendo um ministério específico na Igreja. Talvez aqueles que mais se aproximam do conceito de “profetas” sejam os fundadores de ordens religiosas ou os iniciadores de movimentos espirituais. É possível também falar de uma dimensão profética na vida de alguns santos e fiéis, mas não conhecemos - ou não conhecemos mais - o termo “profetas” como uma vocação específica dentro da Igreja.

Evidentemente, a situação era diferente no início da Igreja. O termo “profeta” era tão natural quanto a guia do Espírito Santo. O texto de hoje nos diz que Barnabé e Paulo foram “enviados pelo Espírito Santo” para fazer o trabalho para o qual Ele os chamou. Não é descrito em detalhes aqui como o Espírito lhes falou, nem através de quem, mas em qualquer

caso eles não tiveram dúvidas de que foi realmente o Espírito Santo que tinha falado. Hoje, geralmente somos mais cautelosos quando falamos da guia do Espírito... Mas onde encontramos em nosso tempo um espírito profético que não esteja diretamente ligado ao ministério sacerdotal?

Em 2018, o Cardeal Brandmüller, canonista alemão, deu uma palestra em Roma sobre o papel dos fiéis na preservação da doutrina. Referindo-se à crise ariana no século IV, Brandmüller disse que naquela época foram os leigos os defensores da verdadeira fé, enquanto muitos bispos assumiram a falsa doutrina e se contradiziam uns aos outros. Citando o Cardeal Newman, ele disse que nesta crise o dogma da Divindade de Cristo foi defendido e preservado muito mais por aqueles que simplesmente permaneceram fiéis à graça batismal do que por aqueles que tinham a tarefa de ensinar na Igreja.

Vemos, então, que se manifesta aqui uma dimensão profética para a vida dos fiéis “ordinários”; isto é, a defesa da fé e a rejeição do erro. Esta tarefa não compete apenas à hierarquia da Igreja, ainda que ela deveria ser a primeira a cumpri-la, mas também é própria do “sensus fidei” –o senso da fé– do Povo de Deus. Isto se torna eficaz especialmente em tempos de crise –como na crise ariana– e certamente também em nossos tempos, quando o espírito anti-cristão não só está agindo no mundo, mas quer penetrar na Igreja também.

Segundo o Cardeal Brandmüller, este “senso da fé” possuído pelos fiéis não se expressa em uma tendência geral na Igreja ou numa espécie de votação ou pesquisa popular; senão que se torna particularmente eficaz naqueles fiéis que lutam pela santidade.

Mesmo que hoje já não conheçamos ou identifiquemos profetas como acontecia na Igreja primitiva, o exemplo dos fiéis durante a crise ariana nos mostra que existe uma tarefa profética, que deve ser assumida. Nisso podemos reconhecer claramente a obra do Espírito Santo, que encorajou os fiéis a não se deixarem levar pela confusão de seus pastores naquela época, mas a permanecerem fiéis e assim manifestarem uma correção profética. Graças a Deus, a crise ariana foi finalmente resolvida!

Este exemplo na história da Igreja, que certamente não é o único, nos mostra que devemos corresponder à nossa vocação cristã em todos os sentidos. Os fiéis cristãos não só têm o direito de se expressar livremente na Igreja, com base na fé e no amor verdadeiros, mas às vezes pode até ser um dever transmitir a seus pastores sua preocupação com o caminho da Igreja. Aqui pode realizar-se um importante serviço profético, que não deve ser omitido por respeito humano e que é particularmente importante em nossos tempos.